

A FORMAÇÃO DA LÍNGUA ESPANHOLA: UMA VISÃO SOCIOLINGÜÍSTICA*

Nilton Vasco da Gama
Prof. Adjunto do Dep. de
Fundamentos para o Estudo das Letras

Apresenta-se, de início, uma visão sucinta da formação étnica do povo espanhol e, a partir da afirmativa de que as variantes lingüísticas dos romances hispânicos são consequência indireta da invasão árabe, chega-se finalmente à formação de uma variante regional castelhana que virá a ser a variante de base do espanhol. Tecem-se considerações sobre a situação lingüística da Península Ibérica durante o período pré-romano e sobre os resultados lingüísticos posteriores à implantação do latim na Hispânia. Ressalta-se a existência e o papel dos focos de Reconquista cristã, e, em seguida, analisa-se a expansão da variante lingüístico-regional castelhana, variante de base da língua espanhola. Passa-se, então, ao estudo da base lingüística do espanhol da América. Acentua-se, por fim, a situação atual do espanhol.

* Trata-se de uma reelaboração da conferência *Origens do idioma castelhana*, proferida na sessão inaugural das Comemorações do Milenário do Idioma Castelhana, Salvador, 10 de outubro de 1977 (não publicada).

1-INTRODUÇÃO

Na tentativa de falar a respeito das origens da língua espanhola, defrontamo-nos com uma tarefa duplamente árdua. Primeiramente, por considerarmos, igualmente com outros, toda problemática relativa às origens extremamente complexa. Em segundo lugar, perguntamo-nos, reflexivamente: que se pode dizer ainda a respeito das origens do espanhol após o aparecimento da obra que veio modificar todo o aspecto da lingüística espanhola?¹

Muito sugestivas são as considerações de K. Baldinger², ao ressaltar que as investigações tomaram novos rumos, **geograficamente**, do castelhano para o sul, ao estudar-se a influência árabe na língua e na cultura, e para o leste e oeste, em direção aos domínios galego-português e catalão-aragonês; **temporalmente**, fazendo recuar as origens até ao período de romanização, mas muito antes ao focalizarem-se os problemas pré-românicos.

É nesta perspectiva que procuraremos analisar a formação do espanhol dentro do complexo sócio-cultural que condiciona a sua evolução, sem esquecer que toda mudança lingüística, como bem ressalta M. Alvar³, produz-se de início numa célula menor do que o grupo comunitário, daí expandindo-se para toda a comunidade superior, numa seqüência lógica de que o elemento-primeiro será sempre o indivíduo falante.

É sabido que a história de uma língua reflete a história do povo que a fala. Desse modo não se podem estudar as suas origens sem remontar ao passado e, por consequência, às etnias. Traçaremos de forma breve o quadro histórico e etnológico do povo espanhol que é o resultado de uma complexíssima trama urdida a milhares de anos.

De modo geral os especialistas - com base nos dados de etnólogos e antropólogos - concordam que no período pré-romano essa teia de etnias compreendia indo-europeus e não-indo-europeus. Entre os não-indo-europeus podemos assinalar três estratos étnicos: o **pirenaico**, ao Norte, de origem européia, de que os **vascos** são hoje os representantes; o **pré-ibérico**, isto é, os povos da chamada civilização capsense, extinto a partir do eneolítico, de que faziam parte os **ástures** e talvez os **cinetas**, ocupando áreas que iam do sul de Portugal, passando por Andaluzia até ao Norte da Catalunha; finalmente, o **ibérico**, de origem africana, estabelecido ao sudoeste. A essas camadas étnicas superpuseram-se os indo-europeus, os **pré-celtas** (lígures e ambro-ílírios) e os **celtas**. Ao lado desses povos que ocupavam grandes áreas, apresentando comunidades miscigenizadas, devemos citar na costa os estabelecimentos comerciais púnico-fenícios e gregos. Desses povos os mais cultos eram os **tartéssios** ou **turdetanos** que habitavam parte da Andaluzia.

Os romanos chegaram à costa levantina hispânica em 218 a.C., chefiados por Cipião, anexando a costa leste e sul em 201 a.C., conquistando pouco a pouco a região restante (de 197 a.C. - 138 a.C.), terminando-se a anexação total em 19 a.C., quando conseguiram submeter a região cantábrico-pirenaica. Duzentos anos de luta e de sedimentação paulatina da cultura romana em todo o território da Península, a época da penetração, a assimilação cultural dos não-romanos, as classes sociais romanas emigradas para as Províncias hispânicas, a resistência maior (ou menor) do contingente étnico pré-romano - como, por exemplo, o caso da conquista dos povos cantábrico-pirenaicos - tudo isto vai interferir na formação da língua de comunicação (uma língua franca) utilizada na Hispânia.

Após 500 anos de domínio romano, novo contingente indo-europeu derrama-se na Península Ibérica. É a vez das tribos germânicas, chegadas ao extremo ocidente da Europa em decorrência da penetração de tribos asiáticas na Europa oriental, em especial a dos hunos. Os germanos eram uma ameaça constante à fronteira norte do Imperium Romanum e nem a criação e fortificação do *limes rhenanus* e do *limes danubianus* impediram as incursões germânicas na fronteira, de início pacíficas, mas, sob a pressão da chegada de novas tribos do Norte ou do Oriente, a fronteira enfraquecida cede à força das hordas germânicas. O Império sofre pressões externas e internas, a decadência alcança o mais alto grau, quando se divide o Império em Romano do Oriente e Romano do Ocidente e, então, os germanos já estabelecidos na România levam o Império Romano do Ocidente à derrocada total. Note-se que muitos desses germanos pertenciam ao próprio exército romano ou a administração romana.

Para a Hispânia, no início do séc. V, vieram os vândalos, provenientes da Europa Central, mesclados com alanos, suevos e mesmo alguns burgundos. Tornados federados pelos romanos, os vândalos silingos receberam o território da Bética, enquanto os vândalos asdingos e os suevos ficaram com a Galécia e os alanos com a Lusitânia e a Cartaginense. Chegados posteriormente, os visigodos foram chamados pelo governo romano para combater os vândalos silingos. Eram provenientes do Norte da Europa, mas se encontravam situados na região do Mar Negro, de onde penetraram no Império. Aos visigodos⁴ coube a Tarraconense. Estabelecidos na Hispânia, os visigodos impeliram os vândalos asdingos para o Norte da África, absorveram os alanos e muito tempo depois os suevos. A antiga Hispânia romana encontra-se dividida em dois reinos germânicos, o dos suevos e o dos visigodos. Depois de englobados os suevos ao reino visigodo este se mantém até 711, quando chega a vez de os árabes ocuparem a Península.

Em tribos sucessivas os árabes invadem a Península, obrigando os cristãos hispano-godos a se refugiarem nas montanhas do Norte. É o

período das grandes figuras heróicas e legendárias, de Pelágio ao Cid, das lutas não só entre cristãos contra árabes, mas também entre cristãos contra cristãos e árabes x árabes. Proezas cantadas pelos poetas populares anônimos nas canções de gesta, como o **Poema del Cid**, a **Gesta dos Infantes de Lara** ou o **Poema de Fernán González** ou ainda narrada pelos cronistas medievais, como por exemplo na **Cronica General de Espana**.

A Reconquista cristã termina em 1492, quando os Reis Católicos - Fernando de Navarra e Aragão e Isabel de Leão e Castela - derrubaram o último reduto árabe, Granada. Segue-se o período do apogeu político-administrativo da Espanha, durante o reinado de Felipe II, que chegou a dominar não só toda a Península Ibérica como também todo o continente americano, do México à Patagônia: era o maior império da sua época.

Foi nesse clima que se criou, expandiu e sedimentou-se a língua dos espanhóis, proveniente do latim. No entanto, é necessário lembrar que os dialetos românicos da Península Ibérica não são consequência natural das variantes do latim, mas resultados indiretos da invasão árabe, através do processo da Reconquista.⁵

Tivemos assim uma visão rápida do complexo étnico responsável pela formação do povo espanhol e pela formação da língua da comunidade espanhola.

Vale ainda acrescentar que a preocupação com a origem da língua espanhola não é recente e que, desde os séculos XVI e XVII, a origem da língua castelhana encontra-se em estreita relação com o desenvolvimento da consciência lingüística espanhola.⁶

2-POVOS E LÍNGUAS DA PENÍNSULA IBÉRICA

Ao que acabamos de expor, devemos, entretanto, adicionar as relações sócio-culturais e o seu resultado no plano sociolingüístico.

Segundo o depoimento de Estrabão, geógrafo grego, na Bética, a região mais próspera e culta, os turdetanos completamente romanizados utilizavam na comunicação diária a variante regional latina (no séc. I d.C.) e não mais o seu sistema lingüístico vernáculo (diferente da língua dos iberos), apesar do florescimento da sua língua. No centro e no leste, domínio dos celtiberos, de civilização menos avançada e consequentemente portadores de menor cultura, as línguas celta e ibérica foram substituídas pela variante regional do latim. Menos intensa é a romanização da Lusitânia, embora também aí já se falasse correntemente a variante regional latina. Ao norte, apesar dos esforços de Augusto e de Tibério, os povos cantábrico-pirenaicos resistem mais tenazmente à

romanização e ao uso da variante regional latina: fenômeno sociolingüístico com resultados visíveis ainda em nossos dias, pois a língua dos vascos é um reduto não-indo-europeu e provavelmente da primeira camada étnica.

Estrabão assinala que os romanos encontraram na Península uma situação lingüística bastante complexa, pois a maioria dos povos aí estabelecidos já havia, pelo processo de aculturação, mudado a sua língua vernácula. Como exemplo dessa miscigenação temos os celtoiberos e vale acrescentar que os próprios vascos são tidos como um dos povos que teriam mudado de língua.

A língua dos romanos, o latim, apresentava uma variação que compreendia variedades internas, tanto de caráter social quanto de caráter regional. Uma e outras serão encontradas na Hispânia.

Em primeiro lugar devemos ressaltar o caráter regional que possuía a variante do latim utilizada na Hispânia (o termo *peregrinitas hispaniensis*). Nos duzentos anos de romanização a que já fizemos referência, devem destacar-se variantes geracionais, pois o latim levado pelo exército de Ciprião (III a.C.) não pertence à mesma faixa sincrônica do latim das cortes que Tibério enviou para completar a submissão dos povos cantábrico-pirenaicos (I d.C.). Além disso, a situação cultural pré-romana ocasiona a implantação de variantes sociais latinas mais cultas e menos cultas. Fato explorado por Harri Meier⁷ para fundamentar a sua tese a propósito da existência de duas correntes de romanização na Hispânia. A mais antiga divisão administrativa que os romanos deram à Hispânia consistia em duas províncias que excluíam apenas a região cantábrico-pirenaica. A Hispânia Citerior, a leste, mais próxima de Roma, fora colonizada e romanizada por falantes latinos de classe social menos elevada, colonos de origem sul-italiana, soldados, agricultores que utilizavam uma variante lingüístico-social do latim menos tensa (VSmt), enquanto outros faziam uso de uma variante lingüístico-social proveniente da região sul-italiana (VRSI). Outrossim, não era a comunidade celtibérica uma das mais cultas e prósperas da Península. A Hispânia Ulterior, ao sul e ao oeste, correspondia em grande parte à antiga área onde habitavam os rurdetanos, que, como já dissemos, eram portadores de um nível cultural bastante elevado e conhecedores de uma literatura vernácula. Era também a região de maior urbanidade e de grande comércio. Para o sul da Hispânia dirigiram-se os romanos locutores de uma variante lingüístico-social mais tensa (VSMT) usada ao lado da variante standard latina (VS).

A variante regional latina, desenvolvida e expandida na Península, será, portanto, o resultado da interação dos diferentes contingentes sociais romanos transplantados para a província, do seu uso da linguagem e da sua atitude lingüística, a que se acrescentam o

comportamento e a atitude lingüística dos falantes não-latinos que se sentiram "obrigados" a falar o latim, língua de prestígio social, esquecendo e substituindo as suas línguas vernáculas, com uma única exceção: a do povo **vasco**. Daí podermos considerar como mais importantes as duas situações de bilingüismo, onde se evidenciam o contato e a interação de uma língua hispânica pré-romana e o latim, a saber: **latim e vasco-ibérico** (LVI) e **latim e celta** (LC), de onde, da situação de bilingüismo resulta uma **variante lingüístico-social** (VSB), formalizando:

$$\forall b \left[L_A(VI \text{ w } C) \right] \rightarrow VSB \quad (1)$$

Poderíamos apresentar esse "conjunto lingüístico" que denominamos **sermo hispaniensis** (SH) ou simplesmente latim hispânico, como o resultado da interação das **variantes lingüístico-sociais geracionais do latim** (VSG), da **variante lingüístico-social mais tensa** (VSMT), das **variantes lingüístico-sociais menos tensas** (VSmt), da **variante lingüístico-regional sul-italiana** (VRSI), da **variante standard latina** (VS) e das **variantes lingüístico-sociais resultantes das situações de bilingüismo** (VSB), ou mais formalmente:

$$SH \rightarrow [VSG \text{ v } VSMT \text{ v } VSmt \text{ v } VRSI \text{ v } VS \text{ v } (VSBli \text{ w } VSBc)]^0 \quad (2)$$

É essa variante regional latina, isto é, o **sermo hispaniensis** (SH), que veio a ser usada pelos germanos invasores do séc.V d.C. Mas esses germanos já romanizados falavam também uma **variante lingüístico-social resultante de uma situação de bilingüismo** (VSBG) e pouco vieram a contribuir para a variante regional latina responsável pelo romance hispânico primitivo (RHP), a **rustica romana lingua hispaniensis**, emergente no momento da invasão árabe, e marcada sobretudo pelo seu caráter conservador.

Por quê considerarmos nos inícios do séc. VIII a existência de um romance hispânico emergente? Porque, parece-nos, somente admitindo a sua existência poderíamos explicar a sobrevivência das variantes românicas moçarábicas e a persistência e lutas das variantes românicas cristãs do Norte.

As invasões árabes modificam o quadro lingüístico-cultural da Península. Ao Norte continua a desenvolver-se a variante românica emergente em duas situações sociolingüísticas bem determinadas, a saber: ao oeste, isolada, buscando estabilidade; ao centro e a leste em situação diglósica com a língua vasca e com os resultados da variante lingüístico-social vasco-ibérica. Outrossim, como em toda a România,

existe uma situação diglôssica onde estão em contato o latim (língua de erudição cada vez mais empregada restritamente como tal) e a **rustica romana lingua hispaniensis**. Dessas situações resultou a formação de cinco focos de irradiação lingüística. No sul, dominado pela cultura árabe, existiam ainda algumas comunidades moçárabicas, diglôssicas, para as quais as variantes românicas moçárabicas tinham função inter-comunitária, sendo o árabe a língua de cultura e a língua franca da população.

Encontramos, já no séc. X, portanto, na Península Ibérica dois tipos de variantes românicas: a) um derivado diretamente da variante regional latina, as variantes românicas moçárabicas, variantes sociolingüísticas utilizadas por uma minoria dentro da sua própria comunidade cristã arabizada, com função social restrita; b) o segundo tipo, as variantes românicas cristãs do norte, forja-se a partir da nivelação da variante hispânica primitiva (**rustica romana lingua hispaniensis**) também de base moçárabe, - empregada pelos contingentes hispano-godos cristãos refugiados na região cantábrico-pirenaica, - contaminada posteriormente pela variante lingüística dos vascos. Dessas variantes românicas dos cristãos do Norte surgiram novas áreas de irradiação lingüística, responsáveis, cada uma delas, por uma variante lingüístico-regional hispânica que expandir-se-á e entrará em conflito com as demais "co-irmãs" (aragonês, leonês, navarro, asturiano etc.) e, finalmente, apenas em três delas (português, castelhano e cataíao) cristalizar-se-á, a partir do séc. XVI, a variante standard.

Desse modo, podemos resumir a origem e formação do castelhano com o auxílio da parte a do diagrama ilustrado na Figura 2.

3-A FORMAÇÃO DA VARIANTE LINGÜÍSTICO-REGIONAL CASTELHANA

Os hispano-godos refugiados na região cantábrico-pirenaica no séc. VIII não ofereceram resistência aos árabes que ocuparam toda a Hispânia, ultrapassando os Pirineus, sendo, finalmente, derrotados na França, de onde retornaram à Espanha. Dois períodos devem ser destacados durante a Reconquista, um primeiro de defensiva cristã no qual os hispano-godos lutavam para manterem-se no seu território, sem avanços da fronteira. O segundo, a partir do séc. XI, quando se inicia a luta de ofensiva cristã, que durará até o séc. XV. Pouco a pouco os cristãos fazem retrair-se o limite dos árabes e trazem a variante lingüística românica do Norte para a região reconquistada. Nesse período, encontramos uma situação diglôssica entre a língua de cultura, o latim, e os romances cristãos.

O reino asturiano, o mais antigo da Reconquista, sentia-se herdeiro da antiga monarquia visigótica e desse foco, Astúrias e Leão,

originaram-se, primeiro, o foco de Galícia e, posteriormente, em continuação às fortificações avançadas no leste do reino leonês (CASTELLA = "los castillos"), o núcleo de Reconquista de Castela, berço do castelhano, variante lingüístico-regional que veio a ser a base da língua nacional, a língua espanhola. Vale acrescentar que os demais focos de Reconquista são o navarro-aragonês e o catalão. O Condado de Castela foi constituído em 931 por Fernán González e era subordinado a Leão, no entanto, desde muito cedo Castela mostra-se independente, tanto na política quanto na literatura e na língua. Em 1230 unem-se Leão e Castela, com supremacia de Castela e conseqüente castelhanização de Leão; inicia-se, assim, a hegemonia política de Castela.

No aspecto literário, Castela vem a cultivar formas diferentes de Leão, como, por exemplo, as gestas e os cantos épicos. A epopéia é eminentemente castelhana, continuando a linha de desenvolvimento tanto da literatura românica como da literatura nórdica.

O terceiro fator de supremacia de Castela é a linguagem, objeto das nossas considerações.

No século XII, as variantes lingüístico-regionais dos romances do Norte possuíam a mesma função social dentro das suas comunidades respectivas e cada uma delas era utilizada pela administração e para expressão literária, sendo o latim a língua de cultura. A diglossia latim / romances do Norte vem interferir sobretudo na linguagem escrita, precisamente na grafia. Por outro lado, os usuários da variante regional moçarábica tinham como língua oficial o árabe, também numa situação de diglossia. O foco de irradiação lingüística de Castela começa a opor-se ao foco leonês, como vimos, desde o século X. A ascensão do poderio político de Castela encadeava aquela da variante lingüístico-regional castelhana, desenvolvida numa região pouco romanizada e sofrendo desde os primeiros anos de colonização romana - como assinalamos antes - uma forte pressão da língua dos vascos. Essa situação lingüística apresentava-se sob dois aspectos diglóticos, um, a que nos referimos, relativo ao latim e à variante lingüístico-regional castelhana (i.e., latim / romances do Norte) e o outro, de menor amplitude, mas de resultados mais marcantes para a variante lingüística românica em evolução, em que estão em contato e inter-agindo mutuamente a variante lingüístico-regional castelhana e a variante lingüística dos vascos. Dessa inter-ação resulta cristalizarem-se fenômenos decorrentes de hábitos articulatórios que virão a opor a variante lingüístico-regional leonesa à variante lingüístico-regional castelhana, assim como essa última à variante lingüístico-regional navarro-aragonesa. A propósito da diglossia latim / romances do Norte, vale lembrada a observação de Amado Alonso⁹ de que, enquanto o latim era a língua de cultura, as variantes lingüístico-regionais românicas seriam "a língua de ação na sociedade".

Essa situação de inter-relacionamento pode ser examinada com a ajuda da parte b do diagrama da Figura 2.

4-A EXPANSÃO DA VARIANTE LINGÜÍSTICO-REGIONAL CASTELHANA

A variante lingüístico-regional castelhana expande-se para o sul durante um período que vai do século XI ao século XIII. Lado a lado descem para a Meseta Central Castelhana o reconquistador cristão e o sistema lingüístico por ele utilizado. Novas situações lingüísticas, novas funções sociais e novas atitudes dos falantes serão agora desenvolvidas. A variante regional castelhana é a língua de comunicação de um estado político, o reino de Castela, com sede inicial em Burgos, depois em Toledo, tornando-se, portanto, a variante lingüística de maior valor e função sociais. Depoimentos como o de Berceo sobre a variante escrita, a variante culta do castelhana, atestam a atitude dos falantes e a função social crescente da variante regional castelhana: "al non escribimos sin non lo que leemos". Começava a desenvolver-se uma prosa literária e uma atividade poética que acompanhavam o desenvolvimento da literatura européia em língua românica. No entanto, no *Poema del Cid* (c. 1140), a variante regional castelhana ainda apresenta leonesismos, o que mostra perfeitamente a luta que a variante regional castelhana tem que manter para sobrepor-se, como língua de maior valor e função social, à variante regional leonesa.

Castela torna-se independente na política, na guerra, no costumes, na língua e na literatura. Entre os séculos XII e XV, à medida que a fronteira cristã avançava para o sul, a variante regional castelhana absorvia tanto a parte da área da variante regional leonesa como da área da variante regional aragonesa e substituía, ao absorver as comunidades moçárabicas, a antiga variante moçárabica. Para uns e outros representa a variante lingüística de maior prestígio social (e político) e será empregada por todos os falantes como variante lingüística comum, à qual se incorporarão características resultantes do período mais (ou menos) longo de diglossia. Alcança, finalmente, o extremo sul, a costa mediterrânea meridional e, por fim, consegue reimplantar a cultura latina na Espanha.

A variante regional castelhana na sua caminhada para o sul fortalece e divulga novos traços fonéticos que irao persistir na língua espanhola, tais como: 1) a aspiração da fricativa lábio-velar latina ($f > x$); 2) a dirongação das vogais médias não-altas do *sermo hispaniensis* ($e > ie$, $o > ue$); 3) redução a /i/ do ditongo /ie/ do sufixo - ELLUS latino; 4) palatização total do grupo /kt/ latino; 5) redução dos ditongos decrescentes /ei/ e /ai/;

6) palatização de /ll/ e /nn/ mediais latinos. Também são mantidas algumas das características morfo-sintáticas. Traços esses que perdurarão na variante standard do espanhol.

4.1-A estandardização da VRC: o espanhol

O espanhol tem como variante lingüística de base a variante regional castelhana, acrescida - nos sucessivos contatos com as demais variantes lingüístico-regionais e com os resquícios das variantes moçárabicas - de novos traços que neutralizaram as características subjacentes da variante regional castelhana ou vieram a contribuir para o seu desenvolvimento.

A variante lingüística comum, utilizada por todos os locutores do espanhol na Península Ibérica, já não é a variante regional castelhana, mas o espanhol, variante que engloba todas as diferenças regionais¹⁰

Oferece-nos agora um novo tipo de variante lingüística, aquela variante lingüística espanhola de caráter "não-histórico", como assinala Manuel Alvar¹¹, e que é o resultado do espanhol em contato com novos utentes na Andaluzia ou nas Canárias, por exemplo. A variante espanhola andaluza ou canária remonta em linha direta à variante regional castelhana e somente através dela à variante românica hispânica primitiva¹². Podemos agora completar as nossas observações examinando a parte c do diagrama da Figura 2.

5-A BASE LINGÜÍSTICA DO ESPANHOL DA AMÉRICA

Acabamos de afirmar que o espanhol, língua da comunidade política espanhola, é o resultado de inter-ações constantes, regulares e paulatinas verificadas entre a variante regional castelhana - variante de base do espanhol - e as variantes regionais provenientes das variantes românicas cristas do Norte, tendo ainda assimilado algumas características da variante moçárabica.

O espanhol era a língua franca, podemos dizer, dos espanhóis emigrados para a América; ela servia de elemento nivelador e de inter-comunicação grupal a aragoneses, leoneses, estremenhos, andaluzes e castelhanos, como também a galegos (cf. Figura 1).

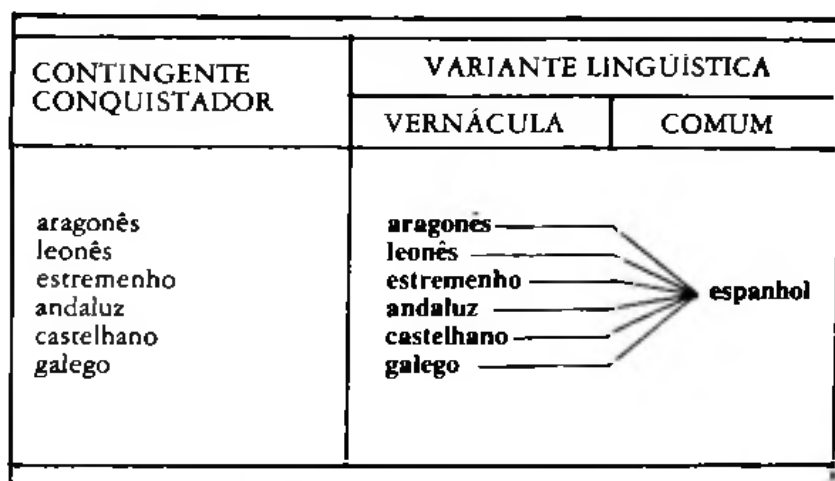


Fig. 1 - Elementos lingüísticos da base do espanhol da América

Desse modo, cada elemento colonizador encontrava-se numa situação diglósica e utilizava cada uma das suas variantes lingüísticas com funções diferentes: a variante vernácula (isto é, a variante lingüístico-regional hispânica) servia para a comunicação inter-grupal e o espanhol para a extra-grupal. Também o espanhol era a língua de cultura desde a Península Ibérica¹³. A parte d do nosso diagrama da Figura 2 ilustra o final dessa evolução.

A base do espanhol da América será, portanto, o resultado da nivelção lingüística entre cada uma das variantes regionais vernaculares e a língua franca. Acresce a isso o fato de os primeiros colonizadores que se estabeleceram nas regiões montanhosas encontrarem-se relativamente isolados daqueles que habitaram a faixa litorânea e que se mantiveram sempre em contato com o espanhol.

As novas comunidades surgidas organizaram-se segundo os modelos europeus, mas apresentavam uma mobilidade vertical desconhecida nas "comunidades-padrão" da Espanha, como na Europa Ocidental. Ora, não foi somente a nivelção de língua, mas também a nivelção social que veio a constituir-se na base do espanhol da América: uma língua e uma comunidade social que se desenvolviam lado a lado, mas se adaptando às novas condições, incluindo o contato e a interferência lingüística das diversas línguas indígenas da América Latina¹⁴.

Já assinalamos que o espanhol trazido para a América pelos primeiros colonizadores tinha a função de uma língua franca, com

resultados dependentes das diversas circunstâncias histórico-sociológicas que caracterizaram a hispanização das Américas. O maior ou menor índice de hispano-falantes pertencentes a um nível social superior, a incidência de colonos de nível social inferior, o percentual mais alto de valorização da cultura pré-colombiana, a posição geográfica dos centros colonizadores são fatores extra-lingüísticos que contribuíram para a diferenciação hoje verificada nas variantes do espanhol da América. No entanto, a valorização cultural das antigas colônias, representada por figuras como A. Bello ou R. J. Cuervo, o crescente cultivo da língua literária, a difusão de uma variante mais ou menos padronizada com o auxílio das técnicas modernas de comunicação tendem a neutralizar essa diferenciação.

Por outro lado, os traços mais pertinentes de oposição entre essas variantes - com exceção, por exemplo, da interferência lingüística da língua indígena - são os mesmos que podem ser encontrados dentro da própria Espanha. As variantes espanholas do México, Peru, Chile, Argentina ou Antilhas mostram características que as opõem entre si, mas não as tornam completamente isoladas das variações que são registradas nas variantes espanholas européias.

As diferenças fonéticas e morfo-sintáticas existentes, não falando da reestruturação do vocabulário, do seu enriquecimento, não fazem da variante standard do espanhol uma variante totalmente diferente. Trata-se de uma variação lingüística, onde as variantes lingüístico-regionais desempenham funções sociais diferentes e bem especificadas. A variante standard do espanhol é uma só, com função social bem determinada, convivendo com as demais variantes lingüístico-regionais ou linguístico-sociais do espanhol, mais (ou menos), diferenciadas entre si, apresentando os seus falantes um conhecimento razoável dessa variação.

6-CONCLUSÃO

A situação do espanhol como língua de comunicação no mundo, em nossos dias, é bastante privilegiada. Em 1977 o número de hispano-fones era calculado em cerca de 250.000.000, o que coloca o espanhol como a terceira língua mais falada no mundo, precedida apenas pelo inglês (1976=275.000.000 de usuários) e pelo chinês mandarim com 610.000.000 de falantes.

Acreditamos ter feito um esboço, embora toscamente, do passado glorioso, haver descrito o presente atuante e ter deixado entrever-se um futuro promissor da variante da *rustica romana lingua* usada há um milênio nas glosas do códice 60 do Mosteiro de San Millán, em Logroño.

A unificação e a universalidade da língua espanhola devem-se, não só ao papel social e econômico desempenhado pelos países hispano-americanos, como, sobretudo, pela sua TRADIÇÃO.

NOTAS

1 Cf. Menéndez Pidal, *Orígenes...*

2 Cf. Baldinger, *La formación...*, p.59-61

3 Cf. Alvar, *Langue et société...*, p.52

4 Quanto à importância dos visigodos na formação do povo espanhol, cabe-nos fazer uma observação. É bem verdade que os germanos que ocuparam a Hispânia não interferiram na mesma medida, por exemplo, que os francos na Gália. Aqueles já se haviam romanizado, conheciam os hábitos e a administração romana que seguiram fielmente. Estes, mal romanizados, vieram a impor o seu sistema administrativo e, além disso, no momento em que se sedimentava a cultura germânica na Galo-România Setentrional, com a ascensão e domínio da dinastia merovíngia, o reino visigótico toledano, e consequentemente os hispano-godos, vêem desmoro-nar-se o seu governo e abandonam o antigo território, logo dominado pela cultura árabe. Este fato, porém, não é suficiente para afirmar, como o fizera Américo Castro, que os visigodos não seriam ainda espanhóis e que o povo espanhol seria resultante da convivência de árabes, cristãos e judeus, negando todo o complexo étnico que vimos ressaltando desde o início.

5 Cf. Zamora Vicente, *Dialectología...*, p.11.

6 Já no século XVI os humanistas espanhóis começam a indagar sobre a origem da língua materna e Antonio de Nebrija, com a publicação da *Gramática de la lengua castellana*, iniciará um novo período na "história da consciência linguística espanhola". Ver, a propósito, Bahner, *La Lingüística...*, p.52.

7 Cf. Meier, *A Formação...*

8 A fórmula 2 oferece 17 diferentes combinações.

9 Alonso, *Castellano...*, p.11.

10 Cf. Alvar, *Langue et société...*, p.47, n.6

11 Cf. Alvar, *Hacia los conceptos...*

12 A variante espanhola comumente chamada judeu-espanhol representa a variante lingüística dos judeus fugidos da Espanha no século XVI, refugiados no Norte da Europa e no Oriente Médio. A sua variante usual tornou-se a língua de uma comunidade minoritária e isolada, por isso

mesmo trata-se de uma variante arcaizante, muito próxima da variante linguístico-social geracional do século XV, com alguns empréstimos decorrentes dos contatos com o hebreu, grego e o turco. Fala-se atualmente na Europa oriental (Salônica, Monastir, Bosnia, Constantinopla e Bucareste), no Norte da África (Marrocos) e em pequenos núcleos da América do Norte.

13 Cf. Alonso, *Estudios lingüísticos*.

14 A partir da expansão do espanhol na época dos descobrimentos, originam-se alguns dos atuais **pidgins** espanhóis usados na América do Sul e nas Filipinas e um importante **crioulo**, utilizado em Curaçau, Aruba e Bonaine, o **paplamento**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lingüística e Filologia

ALONSO, Amado. *Castellano, español, idioma nacional: historia espiritual de tres nombres*. 2. ed. Buenos Aires, Losada, c1949. 171p. (Biblioteca Contemporanea, 101).

Estudios lingüísticos: temas hispanoamericanos. 3. ed. Madrid, Gredos, c1967. 358p. (Biblioteca Románica Hispánica, dir. Dámaso Alonso, II, 12).

ALVAR, Manuel. Hacia los conceptos de lengua, dialecto y habla. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, México, 15 (1-2):51-60, ene.-jun. 1961.

Langue et société. *TraLiLi*, Strasbourg, 14 (1):45-65, 1976. il.

Teoría lingüística de las regiones. Barcelona, Planeta, c1975. 173p. il. (Planeta, Universidad Complutense. Departamento de Lengua Española, dir. Manuel Alvar y Antonio Prieto, 2).

BAHNER, Werner. *La lingüística española del siglo de oro: aportaciones a la consciencia lingüística en España de los siglos XVI y XVII*. Trad. de Jesús Munárriz Peralta, rev. y puesta al día por el autor. Madrid, Ciencia Nueva, c1966. 202p. (Col. Ciencia Nueva, 5).

BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Vers. esp. de Emilio Lledó y Montserrat Macau. 2. ed. correg. y muy aum. Madrid, Gredos, 1972. 496p. il. (Biblioteca Románica Hispánica, dir. Dámaso Alonso, I, 10).

Universitas, Salvador, (27): 125-142, out./dez. 1979

- CATALÁN, Diego. La Obra de Menéndez Pidal después de la primera guerra mundial. In: —. *Lingüística ibero-románica*; crítica retrospectiva. Madrid, Gredos, c1974. v.1, p. 57-68. (Biblioteca Románica Hispánica, dir. Dámaso Alonso, III, 34).
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Trad. do orig. al. por Teodoro Cabral, com a colab. de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, MEC-INL, 1957. iii+667p. (Biblioteca Científica Brasileira, B-5).
- GAMA, Nilton Vasco da. *A formação das línguas românicas*; tentativa de explicação sociolingüística. Salvador, UFBA-IL, 1977. 38f. datilogr. Comunicação apresentada ao XV Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românicas, Rio de Janeiro, 25-29 de julho de 1977.
- GARCÍA DE DIEGO, Vicente. El Catalán, habla hispánica pirenaica. In: MISCELÁNEA de filología, literatura e história cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919). Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1950. p.55-60.
- HALL JR., Robert A. *Comparative Romance grammar*; external history of the Romance languages. New York, American Elsevier, c1974. xiii+344p. il. (Foundations of Linguistic Series, Charles F. Hockett, ed.).
- HERMAN, Joseph. La latinité dans les provinces de l'Empire Romain; problèmes de socio-linguistique. In: XIV CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOGIA ROMANZA, Arti, Napoli, 15-20 aprile 1974. Amsterdam, John Benjamins B. V., 1976. v.2, p. 8-15. il.
- MALMBERG, Bertil. *La América hispanohablante*; unidad y diferenciación del castellano. Trad. de Javier López Facal y Kristina Lindström, rev. por el autor. Madrid, Istmo, c1966. 317p. (Col. Fundamentos, 3).
- MEIER, Harri. A formação da língua portuguesa. In: —. *Ensaio de filologia românica*. Lisboa, Ed. da "Revista de Portugal", [1940.] p.5-30. il.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *Orígenes del español*; estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI. 6. ed. segun la tercera muy correg. y adic. Madrid, Espasa-Calpe, 1968. xv+592p. (Obras de D.R. Menéndez Pidal, VIII).
- OFINES, pub. *Presente y futuro de la lengua española*; Actas de la Asamblea de Filología del I Congreso de Instituciones Hispánicas. Madrid, Ed. Cultura Hispánica, 1964. 2v.

- ORTEGA Y GASSET, José. Orígenes del español. In: _____. *Espíritu de la letra*. 4. ed. en cast. Madrid, Revista de Occidente, c1958. p. 3-12. (Col. El Arquero).
- RESNICK, Melvyn C. *Phonological variants and dialect identification in Latin America Spanish*. The Hague, Mouton, 1975. xiii+484p. il. (Janua Linguarum, Studia Memoriae Nicolai van Wijk dedicata, edenda curat C.H. Schooneveld, series practica, 201).
- WARTBURG, Walther von. *Die Entstehung der romanischen Völker*. 3. neu bearbeitete Auflage. Tübingen, Max Niemeyer, 1951. 193p. il.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language. In: LEHMANN, W.P. & MALKIEL, Yakov, ed. *Directions for historical linguistics; Symposium*. 2nd. printing. Austin, Univ. of Texas Press, c1971. p. 95-195. il.
- ZAMORA VICENTE, Alonso. *Dialectología española*. 2. ed. muy sum. Madrid, Gredos, c1967. 587p. il. (Biblioteca Románica Hispánica, dir. por Dámaso Alonso, III, 8).

História

- BOSCH-GIMPERA, P. De la España primitiva a la España medieval. In: ESTUDIOS dedicados a Menéndez Pidal. Madrid, C.S.I.C., Patronato Menéndez y Pelayo, 1951. v.2, p. 533-49.
- CASTRO, Américo. *España en su historia; cristianos, moros y judíos*. Buenos Aires, Losada, c1948. 709p. il.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, dir. *Historia de España*. Madrid, Espasa-Calpe, 1950-1957. v.4-6. il.
- LOT, Ferdinand. *Les invasions barbares et le peuplement de l'Europe; introduction à l'intelligence des derniers traités de paix - arabes et maures - scandinaves - slaves du sud - slaves du centre*. Paris, Payot, 1942. 349p. il. (Bibliothèque Historique).
Les invasions germaniques: la pénétration mutuelle du monde barbare et du monde romain. Paris, Payot, 1945. 340p. (Bibliothèque Historique).
- THOMAS, Bertram. *Les arabes*. Trad. de l'anglais par Roland Huret. Paris, Payot, 1946. 255 p. il. (Bibliothèque Historique).

SUMMARY

A brief view of the ethnic formation of the Spanish people is presented in the first place. Starting with the affirmation that the Hispanic Romance linguistic varieties are an indirect consequence of the Arabic invasion, we reach the point of the formation of a regional Castillian variety that will become the basis of the Spanish variety. Some considerations are also made on the linguistic situation of the Iberian Peninsula during the Pre-Roman period, as well on the linguistic results occurring after the establishment of Latin in Hispania. The existence and the role of the focuses of Christian reconquest are emphasized, and then there follows an analysis of the expansion of the regional Castillian linguistic variety, namely the basic variety of the Spanish language. Next the linguistic basis of American Spanish is studied, and finally the present-day situation of the Spanish language as a whole is particularly considered.